

HISTÓRIA VIVA

## CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO

MARIANA PIMENTA

### Durvinha

Meu nome de batismo é Durvalina Gomes de Sá. Eu nasci em 1915 no Arrasta-pé, que era a fazenda de meu pai e que, hoje, é um povoado da cidade de Paulo Afonso, na Bahia. Nessa fazenda tinha criação de gado, cabrito e cavalo. Nós não saíamos da fazenda não, tinha tudo lá, plantávamos feijão, algodão... A minha infância foi só trabalho. Meu pai não dava tempo para mim, não. Ele era muito bravo. Minha mãe, coitada, era boa demais. Nunca levei um tapa de minha mãe, mas meu pai, de vez em quando, dava um couro na gente. Éramos dez irmãos, quatro mulheres e seis homens.

Lá não tinha escola que desse para os meninos irem estudar e voltar para trabalhar. Todas eram muito longes e os meninos faziam falta na fazenda. Meu pai agarrou lá um tal de mestre e pôs uma casa separada para os meninos estudarem. O mestre começou até bem, caprichando, brincando, chamava as moças para assistir o recreio. Até que começou a bater na gente. Batia mesmo. Ele perguntava e quem não falasse a letra certa ele metia a palmatória, que se chamava "celibó". Era redonda, pesada e tinha um prego amarelo na frente. No primeiro dia que fui à escola, o vi bater em minha irmã. Ele deu 12 bolos em Rosinha, e ela dizia: "Ai, meu mestrinho, pelo amor de Deus".

Nunca mais fui à escola. Pedi: "Meu papai, pelo amor de Deus, não me põe na escola não, me deixa crescer mais. Ele bateu tanto em Rosinha que eu fiquei com medo dele bater em mim". Então ele decidiu que eu iria ajudá-lo no serviço. Aprendi o ABC de ouvir, e só isso que sei. Ajudava papai a cortar mandacaru e mucambeira para o gado no tempo de seca e tinha que dar aquela ração pro gadozinho de noite comer.

Eu ficava só trabalhando. Quando era para ir a uma festa, era em tapa de casa. A tapa de casa era assim: fazia a casa, poisava as madeiras, punha umas tabocas e ali as moças marcavam a embarcação da casa. No dia em que as moças buscavam a água para por no barro para os homens embarrear a casa, tinha festa de noite e nós dançávamos valsa. Eu até tinha um irmão que gostava de tocar. O meu vestido quem fazia era mamãe, que era costureira.

Avião, o primeiro que eu vi no mundo eu estava na casa de meu pai. Nós estávamos no sítio e ouvimos aquela zoeira. "O que é isso?", perguntei, e papai disse: "É o zepelim que vai avoando para pousar lá em Pernambuco". Acho que ele pousava no ar. Tinha até uma cantiga:

"Santos Dumont foi quem inventou  
Ninguém nunca fez balão assim  
Vamos todos aqui brevemente  
No colosso balão zepelim



Durvinha e Moreno

*Moreno e Durvinha foram cangaceiros do bando de Virgínio, cunhado de Lampião. Entraram para o cangaço na década de 30 e abandonaram as armas no início de 1941, quando se viram sozinhos no sertão. O cangaço acabara em 1940, com a morte de Corisco. Subiram o rio São Francisco até Augusto de Lima, onde mudaram de nomes e construíram uma família.*

HISTÓRIA VIVA

## CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO

MARIANA PIMENTA

Didi, dada  
E vamos todos no vô do jequiá  
Didi, dada  
E vamos todos no vô do jequiá”.

Eu ouvia falar em Lampião num nordeste longe, quando deitava de noite no terreiro. Tinha uma tal de esteira de tabul que põe no terreiro em noite de lua clara, e a gente deitava lá para conversar, e meu pai contava história. O relâmpago relampeava lá longinho, naquela pontinha. “É Lampião”, meu pai falava, “que vem chegando perto. Olhe ele pondo a língua lá”. Era o relâmpago. Falava só de destruição dele, de bagunça que ele fazia. Eu nem ligava não.

Quando é um dia, nós estávamos lá em casa e chega aquela homen-zaiada, montada a cavalo, cada cavalo bonito, e tomou conta do terreiro. Lampião era cego de um olho e tinha os cabelos tudo grande. Nós éramos umas mocinhas novas, tudo bonitinha. Eles entreteram ali. Montaram no cavalo e saíram cantando, bonito mesmo: “Quem parte, parte chorando, quem fica, vida não tem. Adeus que eu já vou embora, não amo mais a ninguém”. No grupo tinha um irmão de Lampião, Ezequiel. Dos irmãos dele, só tinha esse lá. Os outros já tinham morrido nos combates. Despediram e foram embora. Eu não tinha 15 anos. Era novinha. Só tinha tido menstruação duas vezes.

Quando é um dia, meu pai chega lá em casa e diz: “Durvinha, vem cá”. Ele me deu 20 contos de réis. Eu digo: “E esse dinheiro?”. Ele diz: “Esse dinheiro é aquele dos cabritos seus”. Eu tinha uns cabritos gordos, bonitos. Lá em casa nós só comíamos carne de cabrito. Meus irmãos matavam cabrito, retalhavam e vinham vender carne em uma cidade que chamava Jeremoabo, no estado da Bahia. Ele me deu os 20 contos de réis e disse: “Esse dinheiro você guarda em segredo porque foram aqueles homens que passaram aqui. Eles comeram os seus cabritos e mandaram o dinheiro para você”. Era um dinheirão. Em vez de ficar com raiva, eu fiquei foi muito alegre com aquilo. Fiquei com o dinheiro.

Eles acoitaram no sítio de meu pai, detrás da roça, uma lavoura grande de algodão. Eles fizeram um acampamento detrás da roça, na cerca, e lá ficaram. Tomaram amizade com meu pai e de vez em quando aparecia um lá em casa, que era o cunhado de Lampião, Virgínio. Ele ia montando uma mula bonita por dentro da caatinga até lá em casa. Ali ele não tinha perseguição nenhuma, ficava lá escondido. Quando é um dia ele me convidou para sair. Eu fui embora com ele para outra fazenda perto. De lá ele ia para onde morava Maria Bonita. Eu nunca tinha visto essa Maria, mas ela morava perto do Arrasta-pé. Conheci ela mais Lampião, que nós ficávamos tudo junto.



HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

Maria era muito bonita. Outros dizem que ela era feia, mas ela era muito bonita, divertida. Já Lampião era feio, coitado. O olho dele era meio escuro. Mas ele tinha uma prosa muito boa. Ele só agradava quem agradava ele.

Eu fiquei muito tempo no mato com Virgínio. Eu era tão inocente, não sabia de nada, era uma bobinha. Depois nós atravessamos da Bahia para Pernambuco, mais Lampião e a turma toda, a pé. A gente só andava de cavalo quando ia mudar para outro estado. Mas quando tinha uma volante grande atrás de nós, era tudo a pé, para a polícia não pegar o rastro. Fiquei com ele muitos anos, andamos tudo quanto foi lugar na Paraíba, Pernambuco, Alagoas e outros estados de lá, a pé. Mas nunca fui na praia. Vi o mar agora, quando fui de avião para Bahia ver meus parentes. Vi o mar lá de cima do avião.

Tive duas filhas com Virgínio. Dei as duas e não tive notícia nenhuma. Diz que meu pai chegou a criar uma das meninas, mas não sei se era a minha não. Não podia ter criança no bando, com medo de chorar e a polícia encontrar nós.

Eu não sabia cozinhar, quer dizer, sabia assim, já ouviu falar em imbu? Lá tem uns pés de imbuzeiro, aqui não tem não. Tem umas batatas grandes. Arranca aquilo, tira o miolo. Mata um cabrito como daqui a uma légua, leva na cacunda e tira o couro pra bicha morrer. Enche a batata de carne, cava um buracão no chão, muita dificuldade para fazer a buquinagem. Enche aquilo de carne, põe aquela bubuca com carne dentro ali no buraco, com terra queimada, rebuliça de terra e põe fogo em cima, tampado. No outro dia ou de tarde, abre aquela carne cozida gostosa, junta toda a gente e come um pouquinho.

A mulher no cangaço só fazia boniteza. Passava ruge, naquela época não tinha batom. Penteava aqueles cabelos bonitos, cada cabelão. Ficava lá numa rede balangando. Quando a polícia vinha e atirava, ficava lá tudo no chão. A gente deixava tudo.

Eu costurava roupas, mas não sabia não. Aprendi por curiosidade. Meu marido, Virgínio, ele era costureiro. Ele punha aquelas flores no bernal, moedas de ouro no chapéu, era ele quem pregava. Ele era todo enfeitado, era um homem muito bonito. Mas não era ciumento não. Ele era muito bom para mim. Fiquei triste quando ele morreu, mas lá ninguém sente tristeza não. Não sente tristeza porque o medo não deixa.



HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

Quando ele morreu, fiquei andando mais outra amiga minha no bando, sem solução. Quando Moreno chamou para nós ir embora, ele foi e perguntou se nós queríamos ir embora, que ele mandava nós, sentava nós para nós viver. Eu falei que não queria não. Ele então perguntou se eu queria ficar mais ele, fiquei e estou até hoje com ele.

De repente nós se viu sozinho no cangaço. A gente só ouvia falar que tinha matado Lampião. Nós andávamos e onde nós tínhamos assistido fogo, achávamos pé, ossada...

Nós saímos do cangaço na festa de Tacaratu. Nós caminhamos três meses à noite escondidos, a pé, até chegar em Montes Claros. A vida foi doída. Nunca dormimos em casa, dormíamos debaixo de uns paus. Tinha um caldeirãozinho que a gente cozinhava, mas só comia peixe e farinha na beira do rio São Francisco, até nós chegarmos na lapa de Senhor Bom Jesus e, depois, em Montes Claros. Nós viemos subindo o rio São Francisco, Cabrobró, Óroco, Ibó. Passemos onde houve a guerra de Canudos. Cada buraco numas paredonas... Passava lá e até arrupiava. É chão, é terra até chegar aqui em Minas Gerais.

Nós viemos para Augusto de Lima só sofrer. Era ele cortando lenha e eu carregando no braço para empilhar até dar 1,20m de altura. Fazia assim para nós vender. Vendia para fazer carvão. Quando era dia de sábado, nós íamos vender, não dava para nada. Nós morávamos em uma terra que chamavam de indigente, que ninguém queria mais. Tinha muito pequizeiro lá. Os pequis caíam nas covas dos defuntos, eles não comiam e nós apanhávamos para nós comer, o pequi das covas dos defuntos.

Lá em Augusto de Lima tive mais cinco filhos. Fiquei dez anos lá sem ter filho até que nasceu Murilo. Minha família é pequena, seis filhos e 14 netos. Gosto demais de minha família toda.

Eu tenho uma irmã viva, Ilda, e dois irmãos caçulinhas também são vivos. Coitados, foram os que mais sofreram. A polícia, quando foi em minha casa, tirou o chinelo deles para eles andarem descalços na fuga. Hoje eles moram no Rio de Janeiro. Covardia da polícia. Família de cangaceiro lá não ficou, não. Lídia e Maria Bonita eram vizinhas e a família delas a polícia arrasou. A polícia acabou com tudo. O que não acabou, escorraçou.

Eu nunca pensei que ser cangaceiro tivesse alguma importância na história. Eu só pensava na polícia chegar e dar um tiro. Nós dormia era arriado, nos cantos, sentados. Não tinha casa para nós não.

HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

### **Moreno**

“Meus senhores e senhoras, a todos eu peço licença. Vou contar uma história arrancada do meu coração, vou falar um pouquinho do bando de Lampião”.

Meu pai chamava Manuel Inácio da Silva e eu nasci em Pernambuco. Fui batizado em Mata Grande, estado de Alagoas, com o nome de Antônio Inácio da Silva. Me criei até os 16 anos e sete meses no estado do Ceará. Meu pai, quando eu nasci, mudou de Pernambuco. Meu pai fez um crime em Pernambuco. Ele nunca falou não, mas minha mãe falava que ele fez um crime em Pernambuco e mudou para o Ceará. Eu era novinho.



Criei lá. Tive escola, mas não aprendi nada. Eu aprendi um pouco já depois de homem feito, que eu cheguei aqui em Minas. Meu pai trabalhava na lavoura e minha mãe era só em casa, tomando conta da casa e dos dez filhos, cinco homens e cinco mulheres.

Todo ano eu ia trabalhar na Paraíba. Com 12 anos eu já saía para apanhar algodão lá. Em 1927, eu estava com 16 anos e sete meses e fui para Juazeiro, na Bahia, para ver se eu podia ser polícia, que eu tinha vontade de ser um policial. Não tinha idade nem tamanho, de forma que não me aceitaram. Eu fui para a Paraíba. Cheguei lá e uma mulher me fez um falso com uma moça, bati na mulher e matei o marido dela. Tinha 16 anos e sete meses. Aí eu fui para Pernambuco. Fiquei trabalhando nas usinas, escondendo de ser preso.

Quando foi no ano de 1930, quando mataram João Pessoa, eu estava em Recife e um comandante de Sirinhaém falou: “Olha, eu vou te colocar na polícia”. Quando ele falou, pensei: “Graças a Deus vou ser um policial”. Ele foi e me deu um documento, eu não tinha registro, não tinha nada, e ele me deu uma carta para eu apresentar no quartel de Recife. Na época, eu trabalhava em usina e tinha conhecimento com o coronel Antônio Fontes e pedi a ele uma carta de representação. Ele me deu e fui para o quartel. Foram quase 15 dias junto com os policiais, esperando o decreto abrir. O dia que o decreto abriu tinha homem demais a escolha, só homão forte; eu, como diz, era aquele garrancho. Não quiseram eu não.

Eu trabalhava de barbeiro e fui trabalhar em uma barbearia em Santana do Ipanema, em Pernambuco. Lá, a barbearia só dava movimento em dia de domingo e dia santo, quando vinha gente da roça. Falei com o dono da

HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

barbearia que ia deixar a barbearia e ia trabalhar na roça, que dava mais para mim. Ele me propôs de trabalhar nos dias de domingo e dias santos na barbearia e o resto na roça. Assim eu fiquei. Até que vai na roça um homem e me chama: "Seu Antônio, estou com medo dos cangaceiros vim aqui. Se o senhor quiser tomar conta de minha casa, o senhor fica trabalhando seguido, em vez de trabalhar um dia para um e um dia para outro". Eu peguei o serviço e, com um mês e pouco, os cangaceiros chegaram. Encheu o terreno de cangaceiros. "De quem é essa casa aí?", perguntaram. E eu disse: "De Seu Antonino". Eles me deram uma carta e mandaram entregar a Seu Antonino.

Quando ele veio, entreguei a carta a ele, que me perguntou: "Seu Antônio, o que eu posso fazer com esses homens? Eles me pedem 200 mil-réis e eu não sei o que eu vou fazer". E eu disse a ele: "Seu Antonino, eu não dou conselho ao senhor para dar nem para não dar, mas se fosse eu, eu dava, porque por 200 mil-réis pode salvar a criação". Ele concordou, foi embora e depois de três dias voltou com uma carta com o dinheiro e me deu.

Passaram-se mais de um mês e os cangaceiros chegaram. Entreguei a carta para eles. "Olhe, fale com seu senhor que se vier qualquer cangaceiro aqui, ele avise que foi Virgínio, cunhado de Lampião que esteve aqui e nenhum cangaceiro vai fazer nada com o seu senhor". E me convidaram para ir com eles. Eu com vontade de ir porque tinha vontade de ser polícia e, quando vi o pessoal armado, pensei: "Se ele me chamar eu vou". Mas fiz que não queria ir. Por fim, disse: "Não posso ir porque eu não entreguei a fazenda do homem. Entregando, eu vou, mas se não entregar, não posso não". E Virgínio respondeu: "Então você entrega e breve nós vêm te buscar".

Mais uns dois meses se passaram e eles vieram. Era por volta de 1935. Eu fui embora com eles e, com uns três dias, Virgínio chegou com um homem e disse: "Aqui é um presente que eu trouxe para você". Eu pensei: "Se eu não matar esse homem, eles vão me matar". Eu fui e matei o homem. Matei o homem e eles tomaram conhecimento comigo. Logo, com uns quatro ou cinco dias, teve um tiroteio e eu assisti e não fui esmorecido. Eles viram, tomaram aquele conhecimento comigo e aquela confiança. Foi Luís Pedro que botou o apelido em mim de Moreno. Ele disse: "Olha, vocês, canga-ceirada, a partir de hoje, é para chamar esse moço aqui de Moreno". Por Moreno eu fiquei. Eu era homem de confiança deles até o dia que Virgínio, cunhado de Lampião, morreu.



HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

Eu fiz o enterro dele. Virgínio morreu em um tiroteio, em uma emboscada. Antes dele morreu Jacaré e eu fiz o enterro dele. Morreu Gato e eu fiz o enterro dele. Gato saiu baleado em Piranhas, com arma surda que não dava explosão, mas eu vi. A bala batia no chão e levantava poeira. Eu atirei na cabeça de quem atirou. Eu vi a arma saindo, não sei se acertei, mas eu atirei. Tiramos Gato que estava baleado e com sete dias ele morreu. Daí pra cá deu muito tiroteio, Nossa Senhora, eu assisti muito. Todos esses morreram e a polícia não ficou sabendo.

Finado Virgínio morreu sete meses antes de Lampião, mas ninguém ficou sabendo porque eu fiz o enterro dele. Agora, em junho de 2006, quando eu fui ao Ceará, eu tive notícia de que acharam a sepultura dele. Nós cavamos bem raso, porque não tinha ferramenta, foi cavador de pau e a terra é muito dura. Quando ele caiu, Durvinha ia à frente com dez homens, ou onze, e eu mais ele sozinhos atrás. Mas ia tudo perto uns dos outros. Eles passaram do córrego e não houve tiro, quando nós dois passamos, já atiraram, plá-plá. Nós pulamos dos cavalos no chão e atiramos. Ficaram os companheiros atirando por detrás de nós, eu no meio mais ele e os embosqueiros dentro do córrego. Tem hora que eu penso que essa bala que pegou finado Virgínio pode ter sido de um companheiro. Mas eu não sei. Eu saí atirando de ré e falei: "Vamos tirar Virgínio, que ele está morto. Faz uma linha de fogo, avança e vamos atirar". Houve muito tiro. Os embosqueiros correram. Eu desarreiei Virgínio, dei o bernal para um e as armas para outro. "Agora vocês cessem fogo, põe ele na cacunda e sai com ele até quando estiverem cansados. Eu vou ficar aqui. Se vocês ouvirem tiroteio, correm com ele que é para a polícia não tomar e cortar o pescoço dele".

Para a sepultura de Virgínio eu cortei muito mandacaru, xiquexique e tampemo, porque ele foi enterrado raso. Enterramos e saímos. Eu fiquei dominando essa homanhada dele e duas mulheres, Durvinha, que ficou viúva com a morte de Virgínio, e uma outra viúva que tinha no grupe. Mas não podia ficar mulher sem homem no grupe. Falei com a moça que ia mandar ela embora mais Durvinha. No dia que eu fui mandar as duas embora, eu falei com Durvinha: "Se você quiser ficar comigo, não quiser ir embora, eu te aceito". Ela então ficou. Uma parte dos cangaceiros saltou o rio para o outro lado, outros fugiram, outros foram mortos e outros se entregaram. Certo que eu fiquei e quando deu meio de janeiro de 1940, eu andava sozinho mais ela e um cangaceiro.

### **A solução é abandonar as armas**

Eu tinha medo, mas como se diz, em riba de medo, coragem por quê? Se fosse me entregar, ia preso e podia ser morto, e eu tinha muito medo de me matarem. Em novembro de 1940, ela ganhou neném, no estado de Alagoas. Antes de um mês de nascido, houve um tiroteio. Ela estava lavando roupa no lajedo. Deu uma chavinha e ela foi lavar a roupa do menino, Ina-

HISTÓRIA VIVA

## CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO

MARIANA PIMENTA

cinho, filho meu que hoje é Segundo Tenente no Rio de Janeiro. Nesse dia estava só eu mais ela. Cisso não estava com nós. Eu sei que estava ela em riba do lajedo, quando eu vi a polícia e disse: "Pegue o menino e vai saindo que eu vou atirar que a polícia vem lá. Eu vou atirar para descontrolar e vai saindo". Ela saiu e eu atirei, plá-plá. Eu fui me retirando também e atirando. Quando nós nos encontramos, falei: "Vamos dar o menino".

Quando demos o menino, eu resolvi que ia ao estado do Ceará dar a benção a meu pai. Saí de Alagoas, cortei Alagoas, Pernambuco, peguei o estado do Ceará. Dei a benção a ele de madrugada. Ele gritou: "Quem é que está falando na porta?" Eu digo: "É Antônio, pai". Ele me abraçou, despedi e tornei a sair na mesma noite, não fiquei lá não. O delegado soube que eu tinha chegado lá e mandou a polícia para lá, para me matar na casa de meu pai, no terreiro. Mas eu não fui mais lá. Encontrei um colega de escola que me contou que um soldado foi sair por um lago e outro soldado atirou nele. Ele morreu na porta de meu pai, dias depois que fui lá.

Eu tornei a voltar para Alagoas, andei por todo ponto e não tinha cangaceiro mais nenhum. Nem rastro não achava. O padre para quem entregamos o menino mandou carta pedindo para ir embora. Meu pai também pediu para ir embora, mas eu não podia porque tinha esse cangaceiro, não podia deixar Cisso sozinho no mato. Conversei com ele e ele disse: "Vou ver se encontro meu povo. Vou conversar com eles e te dou resposta". Ele saiu três dias. Quando chegou, falou: "Olhe Moreno, vou embora". Eu digo: "Então, se você vai, você não viaja para o lado que o sol chega não. Eu conheço a beira do oceano em vários estados e não tem lugar de você seguir, só topa água. Você viaje para o lado que o sol esconde, que tem lugar de você desaparecer". Então ele foi embora. Ficou eu sozinho mais ela. Ainda rodei uns três meses mais ela.

Durante esse tempo todo que eu fui cangaceiro, eu nunca dormi um sono em uma casa, foi só no mato, feito bicho bruto. Um dia, nós íamos andando, começando a turvar, eu sozinho mais ela, eu na frente e ela atrás. Ela diz assim: "Moreno, deixa eu passar na frente que eu estou me arrupindo, estou com medo". Quando ela passou para frente uma cobra pegou ela. Fui com ela para a fazenda de um padre, mandei pedir remédio a ele, um contra-veneno que ela estava ofendida de cobra. Ele mandou o contra-veneno e eu dei a ela. Quando ela melhorou, eu falei para ela: "Cisso foi embora, agora nós vamos arriscar ir embora. O padre está só me pedindo para ir embora. Eu vou escrever para ele que atendo o pedido dele, mas que eu estou precisando de roupa, chapéu, calçado, porque nós não podemos sair nos trajes de cangaceiros". Ele mandou tudo e, no dia 2 de fevereiro de 1941, festa de Nossa Senhora da Saúde em Tacaratu, estado de Pernambuco, eu abandonei as armas. Partimos, viajemos, viajemos até que chegemos aqui em Minas Gerais.

HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

Quando eu cheguei aqui, fui trabalhar de machado, cortar lenha para a Central (Estrada de Ferro Central do Brasil). Cortei lenha muito tempo. Depois fui plantando roça, criando porco e fui trabalhando na lavoura muitos anos. Depois plantava mandioca. Fiz farinha muitos anos, vendendo na cidade. Não precisava entrar farinha de fora não, que eu servia todo o comércio de farinha em Augusto de Lima. Sou como filho de lá. Muito conhecido e conheço todo o mundo. Em Augusto de Lima me conhecem como Pernambuco. Já em Corinto é Zé Perna, de Zé Pernambuco.

Morei uns 25 anos em Corinto, que é umas quatro ou cinco léguas de Augusto de Lima. Tem poucos anos que estou em Belo Horizonte. Eu mexia com comércio lá, mexia com carvão, com carvoeiro. Eu mexi com carvoeiro dez anos, arrendando mato e fazendo carvão. Conforme, ia atrás de burro, ia atrás de boi. Lá eu tinha meus trens tudo, não passava falta de nada. Tinha casa, até mais de uma casa. Hoje não tenho casa para morar, moro na casa dos filhos. É certo que lá eu passava muito bem. Deus me ajudou.

Passaram-se anos e ano, eu falei com ela: "Olha, nós temos esse filho em Pernambuco, os irmãos não sabem não. Vamos falar com Murilo, que é o filho mais velho e pedir segredo a ele". Eu e ela tivemos mais cinco filhos em Minas Gerais, duas mulheres e três homens. Passaram-se mais uns três anos e pensei: "Pode nós morrer primeiro, pode Murilo morrer e os outros irmãos não sabem que têm esse irmão". Falamos para mais dois filhos. Neli foi um deles e resolveu encontrar Inacinho. Quando encontrei meu filho, virei e falei para ele:

"Dentro de meu coração nasceu um pé de flor  
Por falta de pingo d'água toda a folhinha murchou  
Mas veio o sereno que Jesus Cristo mandou  
E no dia 5 de novembro de 2005, meu querido filho Inacinho,  
Que ficou em Pernambuco, hoje em Belo Horizonte chegou".

Eu não sou repentista, mas tenho assim, um ar de repentista, porque:

"Sua senhora, eu não sou cantor, nem canto de profissão,  
Mas tenho você guardada dentro do meu coração".  
"Eu não sou poeta, nem sou repentista, nem sou compositor  
Mas faço algumas cantorias para mostrar quem eu sou".

Eu também formo música. Eu cantei, sem ser cantor, lá em Fortaleza.  
"Como em folha verde, nas quebradas do sertão,  
quem anda na mata virgem, na sombra da solidão,  
procurando sua sorte naquelas matas virgens, onde anda Lampião.  
Procura a sua sorte, mas lá ainda não achou  
Achou o imbuzeiro, no estado de Sergipe  
Onde nasceu Expedita, filha de Maria Déia, esposa de Lampião".

HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

### **O cangaço, Lampião e os cangaceiros**

Conheci demais Lampião, meu colega. Ele era um homem alto e muito bom. Nunca viajei com ele, mas nós se encontrava no mato junto, dias e dias. Agora, Virgínio, cunhado dele, que foi casado com a irmã dele que morreu, carregou essa aí da casa do pai dela. Ele morreu e eu tomei conta dela e dos cangaceiros tudo.

Lampião era bom com toda ocasião, com toda cangaceirada ele era muito bom. O povo fala que Lampião era mau, quando ele era uma pessoa linda. Olhe, nem cangaceiro dele, ele privava de sair, tinha muito cangaceiro. Olhe, tinha Luís Pedro, que era compadre e cangaceiro dele, Corisco, Moita Braba, Gato Brabo, Azulão, Pancada. Esses cangaceiros tudo foram de Lampião e foram tudo morto antes de eu sair de lá. Em Alagoas, Pernambuco e Ceará não ficou nenhum cangaceiro, os últimos que saíram foram eu e ela. Acabaram os cangaceiros tudo.

Entrava para o cangaço muito recruta, rapaz coiteiro que era judiado pela polícia, muitos não eram coiteiros e apanhavam da polícia demais. Então, esse pessoal, aqueles rapazes filhos de coiteiros, era a razão que tinha muito cangaceiro. Porque a polícia pegava os pais de família e fazia a maior judiação. Pegava os filhos e judiava. Muitos para não morrer e não apanhar entravam no grupe.

Quando eu entrei no cangaço tinha o grupe de Lampião, tinha Corisco, que andava sozinho mais Dadá, depois ele arranhou Azulão. Moita Braba andava com Lili, sozinhos. Ele era um homem muito horroroso de feio e a mulher era muito bonita. Eu desconfio que Moita Braba andava sozinho recantando pro canto por causa da mulher. Ela era bonita e tinha muito cangaceiro novo, apesar de que a vida do cangaceiro era apertada. O cangaceiro que tivesse comunicação com uma qualquer daquelas mulheres era morto, a mulher e o cangaceiro. A lei era essa. Então, qualquer cangaceiro viajava com a mulher de outro cangaceiro, mas tinha que ter o máximo de respeito, se caísse em certas situações ia morto os dois.

Olhe, eu tive uma discussão com Corisco porque ele queria matar Maria, esposa de Pancada, e Azulão, cangaceiro dele. Corisco só tinha Azulão. A perseguição estava uma coisa fora do comum. Eu chamei a atenção dele: "Corisco, você é um cangaceiro mais velho do que eu. Eu te peço descul-



P. Abrahão, 1936, Abafilm e Ferreira Nunes – Foto retirada da Revista Nossa História – Ano 2 / nº 13 novembro de 2004.

HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

pas, vou fazer uma pergunta para você, porque eu soube que você vai matar Maria e Azulão. Eu vou lhe pedir para não matar nem Maria nem Azulão. Você pense, a perseguição está fora do comum. O que é de coiteiro já está descoberto, pode mandar Maria embora. Você mata Azulão, você fica sozinho. Se você tomar um tiroteio e sair baleado, não tem um cangaceiro que atire para tirar você". "Eu vou matar, mato e mato". Me engrossei com ele. "Não aceito não, não aceito mesmo". Por um tempo ele disse: "Olhe Moreno, eu vou ouvir o seu conselho". Ele me ouviu o conselho. Juntou Corisco, Caboclo Português, Pancada e Luís Pedro, eles cinco e Dadá, Neném e Cristina, mulher de Caboclo Português. Eu sei que saltaram esses cangaceiros com as mulheres para o outro lado do rio. Logo que saltaram, no mesmo mês, mataram Lampião. O grupe de Lampião saltou o rio e Corisco não ficou com Lampião, Corisco conhecia a Bahia toda e ficou sozinho andando mais Dadá. Lampião e mais dez pessoas de seu grupe morreram, no mês de julho de 1938, em um combate com a polícia alagoana, na fazenda Angico, em Poço Redondo, estado de Sergipe. Depois fizeram um tiroteio, balearam Corisco e Dada, em julho de 1940. Pegaram Dadá. Corisco morreu.

Graças a Deus eu nunca fui ofendido. Só recebi um tiro na correia do bernal que furou o bernal e assou o ombro aqui, só fez tingir o ombro. Foi o ferimento que eu fiz em tiroteio. Eu assisti muito tiroteio, muito mesmo, de ter dia que eu assistia dois tiroteios.

A comida a gente fazia quando o tempo estava bom. Quando o tempo não estava bom, comia rapadura, carne assada. E mesmo aquela carne para assar tinha horas de saber assar de modo do cheiro da carne não ir longe, para polícia não pegar.

As roupas, no cangaço mesmo que fazia. No cangaço fazia bernal muito bem feito mesmo. O chapéu de couro é um chapéu muito bem feito, que fica bem quebradinho, com as correias de lado aqui, uma correia na testa, uma correia do outro lado e outra correia por detrás. O chapéu compra feito, que lá tem muito chapéu feito para vender. Durvinha mesmo fazia bernal e blusa para cangaceiro muito bem feito. Ela pintava na máquina as cartelazinhas de couro, ficava tudo florado, muito bonito. No cangaço tinha máquina de costura, quando o tempo estava bom, fazia roupa, bernal, tudo. A máquina ficava guardada em um ponto no mato. Quando era para fazer roupa, reunia aqueles cangaceiros tudo num canto só, ficava tudo junto ali, dez, oito dias, fazendo roupa. O que precisava fazia, bernal, perneira. Todos os cangaceiros usavam perneiras.

No cangaço ninguém trabalha. No início os cangaceiros assaltavam muito. O próprio Lampião, um pouco antes de eu entrar, deixou de assaltar e pedia dinheiro. Mandava carta para os fazendeiros e pedia dinheiro. Como ele já era um cangaceiro afamado que todo o mundo tinha medo, porque ele fez muita extravagância, ele pedia dinheiro para o fazendeiro. Se o fazendeiro

HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

mandava polícia para ele, ele fazia de todo jeito para pegar aquele fazendeiro. Se pegasse, tinha que dar o dinheiro dobrado ou morria. Ou então queimava a fazenda. O pessoal tomou medo dele queimar a fazenda, então Lampião pedia dinheiro e o povo mandava. Ele mudou o sistema de ficar roubando. Pedia o dinheiro e o povo mandava e passava a ser amigo dele.

Direito de cangaceiros é tiro. Feliz aquele que sai no público, conforme várias vezes a gente saía de viagem nas estradas. Certa vez, com finado Virgínio, nós passamos em um pé de serra, num arraial. Passemos e não mexemos com ninguém. Quando nós subimos a ladeira, atiraram em nós lá de baixo. Eu e finado Virgínio respondemos os tiros para baixo, plá-plá. Finado Virgínio disse: "Moreno, não vamos gastar bala não, nós passamos lá e não houve reação de tiro, agora de longe eles atiram em nós. Não vamos gastar bala nessa distância não". Mas é porque ele estava perto de morrer, nós passamos em uma casa, depois da casa, uma emboscada e ele morreu.

Certa vez apareceu um retratista lá no bando. Eu era novato. Foi um retratista e um dentista. Durvinha colocou dente, finado Virgínio, Jacaré e Chumbinho. Muito cangaceiro colocou dente, mas eu não quis não. Nunca gostei de luxo. Também não tirei retrato, porque quando eu era menino, que eu estive na escola, o mestre Viana, na hora do recreio, pegou uma máquina e falou assim: "Olhe, meninos, façam uma linha e cada um pegue na mão do outro". Nós pegamos um na mão do outro e na máquina. Ele ligou e os meninos tomaram um choque e ficaram tudo agarrado. Ele falou assim: "Agora vocês correm e vão brincar". E os meninos puxaram para ir brincar, mas estava tudo agarrado. Quando foi o dia de tirar retrato, eu lembrei disso. Chamei finado Virgínio e contei o que tinha acontecido. "Quem sabe esse homem veio tirar retrato que é para ligar vocês e pegar os cangaceiros? Eu vou ficar de pronta solução de fora, se vocês ligarem, eu atiro nele e na máquina".

Eu não peguei nome no povo, igual Corisco, que tinha um nome medonho, Diabo Louro. Eu peguei nome no cangaço, porque nos cangaceiros eu era dos primeiros homens. Era bom de tiro. Quando tinha tiroteio, eles viram minha disposição como era, então tomei nome com os cangaceiros. Todo mundo respeitava Moreno, mas eu não fazia maldade com ninguém não. Eu era muito bom é no tiroteio.

"Eu fui um cangaceiro das quebradas do sertão, junto com Luís Pedro e Virgínio, cunhado de Lampião. O meu tiro era certo no ponto do mosquetão".

Eu nunca pensei, nem depois de anos, conforme foi descoberto 65 anos depois de ter abandonado o cangaço, em ter uma liberdade pública igual eu tenho hoje. Porque graças ao meu bom Deus, eu tenho uma liberdade pública em todo o território brasileiro. Eu, para obter essa liberdade, junto

## HISTÓRIA VIVA

### **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

com ela, nós vivemos quase 70 anos oculta-mente. Foi a razão que eu me registrei, porque eu nunca fui registrado, vim me registrar em Minas. Então, quando cheguei em Minas, eu falei com ela: "Olha, a partir de hoje, você se chama Jovina Maria da Conceição, guarde isso na idéia, que é o seu nome. E o meu é José Antônio Souto".

Vai um dia o prefeito de Augusto de Lima me procura e pergunta se sei ler. Digo: "Gastão, assino meu nome muito mal, o que eu aprendi um pouquinho foi depois de homem". Ele pediu para eu escrever uns nomes. Eu escrevi. Bateu no meu ombro e disse: "Zé, você vai ser eleito". Digo: "Graças a Deus". Mandou tirar retrato 3x4 e chegou o título. Eu nunca perdi uma eleição. Com isso, eu que não tinha registro

nenhum, ele nos registrou, nós casamos e ficamos registrados, pegamos documentos. Trabalhei muitos anos sem documento, só naquele serviço duro que não exigia documento.

#### **O segredo descoberto**

Era dia 28 de outubro de 2005, dia de São Judas Tadeu, quando Neli Maria da Conceição, já cansada de perguntar aos pais sobre o paradeiro de Inácio, resolveu enfrentar o santo. "São Judas Tadeu, eu quero ver se você é poderoso assim mesmo, igual todo mundo está falando. Eu quero achar o meu irmão e quero achá-lo com vida". Inácio é o seu irmão mais velho que, em 1940, os pais entregaram a um padre chamado Frederico, em Tacaratu, sertão de Pernambuco.

Foi com essa mesma determinação que ela ligou para o serviço de informações da lista telefônica e pediu o contato da casa paroquial e do cartório da pequena cidade. Na primeira tentativa, uma mulher, que se identificou como Sandra, atendeu ao telefone da casa paroquial. Neli não conseguia controlar as lágrimas que escorriam de seus olhos quando Sandra lhe disse que ali havia vivido, sim, um padre Frederico. Sandra não sabia muito sobre esse padre, mas conhecia uma pessoa que podia ajudar Neli a encontrar informações sobre o irmão. Essa pessoa era Murilo, um estudante que conhece bem a história de Tacaratu e as pessoas que ali viveram. Sandra garantiu que passaria o telefone de Neli para o jovem que ligaria o mais rápido possível. Passaram-se 15 minutos até o telefone tocar. Era Murilo. Neli apenas se identificou e ele falou: "Bom dia, Neli. Devo lhe dizer que o seu irmão é vivo, mora no Rio de Janeiro, é casado, tem dois filhos e trabalha



HISTÓRIA VIVA

## CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO

MARIANA PIMENTA

como Policial Militar”.

Na casa de cultura de Tacaratu, Murilo conseguiu o contato de um amigo de Inácio. A casa de cultura mantém contato com Inácio, pois, anualmente, ele é homenageado na festa de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da cidade, que acontece entre 24 de janeiro e 2 de fevereiro. Em 2005, ele recebeu uma ligação fora de hora de um amigo que lhe perguntou: “Inácio, você sempre disse que não tinha irmãos. Então, que história é essa de uma mulher que ligou para Tacaratu dizendo ser sua irmã?” Inácio ficou emocionado com a história, afinal, foi abandonado pelos pais com menos de um mês de vida e nunca mais teve notícias deles. Encontrou a família da mãe, na cidade de Paulo Afonso, na Bahia, mas por lá davam seus pais como mortos.



Passaram-se cinco dias. Era dia 2 de novembro de 2005 e toda a família Souto estava reunida para comemorar o aniversário de 96 anos do senhor José Antônio Souto. De repente, o telefone tocou. Um homem pediu para falar com Neli, identificou-se como um amigo muito próximo de Inácio e perguntou o nome dos pais da moça. Ela, prontamente, falou: “José Antônio Souto e Jovina Maria da Conceição”. O homem, triste, explicou que não são os mesmos nomes dos pais de seu amigo Inácio, criado pelo padre Frederico em Tacaratu. Porém ele insistiu e perguntou os nomes dos tios de Neli. Ela cresceu sem conhecer seus familiares e sempre perguntava para a mãe sobre seus tios que tinham ficado no sertão da Bahia. Suas bonecas de sabugo de milho tinham os nomes de Rosinha, Ilda, Manolo e Santa, nomes dos irmãos de sua mãe. Rapidamente ela falou o nome de seus tios e o homem confirmou como sendo aqueles também os de Inácio. Então, ele pediu para falar com a mãe dela. Neli colocou Dona Jovina no telefone. O homem perguntou à senhora se ela tinha outro nome quando morou no nordeste, e ela respondeu: “Durvalina Gomes de Sá”. O homem então disse que ele é Inácio, seu filho, e se emociona, pois, com 65 anos de idade, reencontra seus pais vivos.

Esse dia 2 de novembro mudou a história daquela família. Zé Antônio e Jovina finalmente revelaram a seus filhos seus nomes verdadeiros - Antônio Inácio da Silva e Durvalina Gomes de Sá - e o motivo de tanto segredo. Eles foram cangaceiros do grupo de Lampião e vieram para Minas Gerais fugindo da perseguição das volantes (grupos de policiais), em 2 de fevereiro de 1941, aproveitando a agitação da festa de Tacaratu para abandonar as armas e roupas do cangaço e fugir. O cangaço tinha acabado.

HISTÓRIA VIVA

## **CANGAÇO: DOIS SOBREVIVENTES DO BANDO DE LAMPIÃO**

MARIANA PIMENTA

Em 2006 eles reencontraram seus familiares, conheceram sobrinhos, primos e foram recebidos com honras nas cidades de onde saíram. Também são personagens de um documentário "Lampião, o governador do sertão", que está sendo gravado pelo diretor cearense Wolney Oliveira.



### **Conheça a história do Cangaço**

<http://www2.uol.com.br/lampiao/pages/cont3.htm>

<http://www.infonet.com.br/lampiao>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Virgulino\\_Ferreira\\_da\\_Silva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Virgulino_Ferreira_da_Silva)

<http://www.cangacoevolantes.hpg.ig.com.br/index.htm>